

A POLÍTICA DO TEMPO NO TRABALHO DIGITAL POR PEÇA BASEADO EM DOMICÍLIO

Veena Dubal
Universidade da Califórnia,
Hastings College of the Law
(UC Hastings), <https://orcid.org/0000-0001-8116-6392>

The Time Politics of Home-Based Digital Piecework

Data de submissão:
12/04/2021
Data de aceite:
12/04/2021

Tradução para o português de Rodrigo de Lacerda Carelli do texto “The Time Politics of Home-Based Digital Piecework”, de autoria de Veena B. Dubal, apresentado inicialmente ao Center for Ethics Journal: Perspectives on Ethics, no simpósio “The Future of Work in the Age of Automation and AI” e com versão original disponível em: <https://c4ejournal.net/2020/07/04/v-b-dubal-the-time-politics-of-home-based-digital-piecework-2020-c4ej-xxx/>.

RESUMO

As mudanças na tecnologia digital transformaram radicalmente os processos de trabalho do século passado mediante a reordenação dos espaços físicos e cognitivos. Mas aspectos centrais da organização do Tecnocapital no século XXI emprestam e intensificam práticas de produção do século XX já abolidas. Os industriais da automação, por exemplo, redescobriram a flexibilidade e a velocidade de produção e a mais-valia em um resquício da fabricação de peças de vestuário: o trabalho por peça. Como os fabricantes estadunidenses do início do século XX que pagavam as mulheres que trabalhavam em casa por peça, os industriais de tecnologia pagam as pessoas dispersas ao longo da cadeia de produção de dados pela conclusão de uma tarefa ao invés de pagá-la por hora. Este trabalho desregulado, que as máquinas não podem realizar, forma o alicerce das mudanças na automação e na inteligência artificial. Como os trabalhadores baseados em domicílio digitais de hoje concebem e experimentam o tempo no contexto deste trabalho por peça? Examinando narrativas de processadores de dados da Amazon Mechanical Turk, sediada nos



EUA, através de um quadro histórico, defendo que, embora os trabalhadores digitais contemporâneos trabalhem “em seu ‘próprio’ tempo”, surge uma política na qual o tempo, visível e contabilizado no trabalho assalariado, torna-se um nó invisível de poder. Este poder disciplinador medeia a vida ansiosa dos precários trabalhadores digitais por peça e alimenta o ritmo frenético do capitalismo tecnológico. Eu apresento as implicações de potenciais intervenções regulatórias nesta política do tempo.

Palavras-chave: Trabalho do bico. Trabalho por peça. Amazon Mechanical Turk. Salário por hora. Identidade do trabalhador. Estado social. Tempo. Cronopolítica. Capitalismo tecnológico. capitalismo digital.

Abstract

Changes in digital technology have radically transformed labor processes of the past century through the re-ordering of physical and cognitive spaces. But central aspects of technocapital’s organization in the 21st century borrow from and intensify previously abolished 20th century production practices. Automation industrialists, for example, have rediscovered production flexibility, speed, and surplus value in a vestige of garment manufacturing: piecework. Like early 20th century U.S. manufacturers who paid women working from home by the piece (Boris, 1994), technology industrialists pay dispersed humans along the data supply chain by completion of a task rather than by the hour (Irani, 2015). This underregulated work, which machines cannot perform, forms the building blocks of changes in automation and artificial intelligence. How do today’s digital homeworkers conceive of and experience time in the context of this piecework? Examining narratives of U.S.-based Amazon Mechanical Turk data processors through a historical frame, I argue that although contemporary digital pieceworkers are ostensibly working “on their ‘own’ time,” a politics emerges in which time, visible and accounted for in wage work, becomes an invisible node of power (Sharma, 2014). This disciplinary power both mediates the anxious lives of precarious digital pieceworkers and fuels the frenetic pace of technology capitalism. I consider the implications of potential regulatory interventions in this time politics.

Keywords: Gig work. Piecework. Amazon Mechanical Turk. Hourly wage. Worker identity. Welfare state. Time. Chronopolitics. Technology capitalism. Digital capitalism.

INTRODUÇÃO

A mulher não foi embora; ela ficou ali, hora após hora, dia após dia, ano após ano...correndo contra a morte. Era um trabalho por peça, e ela era apta a ter uma família e mantê-la viva; e leis econômicas severas e implacáveis haviam disposto que ela só poderia fazer isso trabalhando como ela fez, com toda sua alma sobre seu trabalho, e sem nenhum instante para ver as senhoras e senhores bem vestidos que vinham para ficar olhando para ela, como para algum animal selvagem em um zoológico.

- Upton Sinclair, *A Selva*

Em uma edição de 1924 da revista *True Romances*, a Auto Knitter Hosiery Co., da cidade de Buffalo, Nova Iorque, publicou uma propaganda dirigida às mulheres que necessitavam de renda adicional¹. O anúncio, intitulado “Como elas ganham dinheiro em suas próprias casas”, enfocava o testemunho da “Sra. Unger”, que explicou que os salários de seu marido não eram suficientes para sustentar sua pequena família. Mas a Sra. Unger, que cuidava de seu filho menor, não queria “sair” para o trabalho². Tendo ouvido de uma amiga sobre uma oportunidade de ganhar dinheiro na santidade de seu lar, ela mandou buscar linhas de costura e instruções. Em pouco tempo, a Sra. Unger disse que estava tricotando para a Auto Knitter Hosiery “com muita seriedade... pondo cada minuto que [ela] podia poupar de [suas] tarefas domésticas”. Outros fabricantes da época também pregavam o trabalho em domicílio como um caminho para o “lucro” e o “trabalho digno” para as mulheres que precisavam ganhar “dinheiro extra... em seu tempo livre”³.

Mas a realidade desse trabalho em domicílio desmentiu as narrativas comerciais sobre lucro e dignidade. O que estava sendo anunciado favoravelmente nas revistas femininas – o trabalho industrial em domicílio – era uma prática de trabalho muito contestada pelos fabricantes de vestuário no início do século XX. As trabalhadoras – mais comumente mulheres imigrantes trabalhando em cortiços lotados – eram pagas por peça, não por hora, e ganhavam cerca da metade do que as trabalhadoras de fábrica recebiam⁴.

¹ BORIS, 1994, p. 155.

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ BORIS, 1985, p. 746; DANIELS, 1989, p. 15.

Ao contrário dos trabalhadores em domicílio do século anterior, os trabalhadores digitais em domicílio de hoje têm que passar tempo competindo por tarefas e arriscar completa-las sem receber por isso. Estes trabalhadores ou, na AMT, “turkers”, são tratados como autônomos, e nem os solicitantes de processamento de dados nem as empresas de plataforma de trabalho assumem as responsabilidades legais como empregador.

Elas intercalavam longas e mal pagas horas de costura ou tricô com outras obrigações da vida familiar e comunitária. Graças à defesa sustentada pelos trabalhadores e reformadores sociais, o trabalho em domicílio pago por peça foi em grande parte abolido na indústria de vestuário dos EUA logo após o *New Deal*⁵. Nos anos 1980, foi novamente permitido, mas somente por meio de uma certificação altamente regulamentada e de um sistema baseado em salários por hora⁶.

O trabalho em domicílio como prática trabalhista e fonte de trabalho precário e mal remunerado por peça ressurgiu rapidamente na economia digital do século XXI, e ainda assim, ao contrário do século anterior, recebeu pouca ou nenhuma atenção por parte dos reformadores ou reguladores trabalhistas⁷. Ao revivê-lo e intensificá-lo, os capitalistas da tecnologia aproveitaram as lacunas das leis laborais existentes para fazer crescer uma economia informal de trabalhadores de dados dispersos pagos por peça⁸. Jeff Bezos, por exemplo, lançou o Amazon Mechanical Turk em 2005, revelando seu famoso plano de fornecer “humanos como um serviço” por meio desta plataforma de trabalho de *crowdsourcing*. A AMT, assim como as empresas de tecnologia de fornecimento de mão de obra similares, tem um website – *mturk.com* – no qual os solicitantes de microtarefas relacionadas a dados despacham essas tarefas para uma força de trabalho virtual atomizada e dispersa que compete por tarefas, chamadas de “turks”. Os trabalhadores são pagos não por seu tempo, mas por peça, que, na AMT é chamada de Tarefa de Inteligência Humana ou HIT⁹. Ao contrário dos trabalhadores em domicílio do século anterior, os trabalhadores digitais em domicílio de hoje têm que passar tempo competindo por tarefas e arriscar completa-las sem receber por isso. Estes trabalhadores ou, na AMT, “turkers”, são tratados como autônomos, e nem os solicitantes de processamento de dados nem as empresas de plataforma de trabalho assumem as responsabilidades legais como

⁵ BORIS, 1985, p. 761.

⁶ BORIS, 1994, p. 341; STONE, 2006, p. 19; O ressurgimento do trabalho em domicílio e dos debates sobre o ele nos anos 1980 seguiu o ressurgimento da prática tanto na indústria do vestuário quanto na indústria tecnológica, particularmente para a montagem de microcomputadores e processamento de textos. (BORIS 1994, 341).

⁷ Em contraste, outras formas de trabalho digital à peça têm recebido bastante atenção regulatória, especialmente na chamada “gig economy” (COLLIER et al, 2018).

⁸ Os capitalistas da tecnologia insistem que esses trabalhadores digitais de trabalho em domicílio são trabalhadores autônomos, mas a questão de seu status como empregados ou como autônomos é uma questão legal que ainda não foi decidida definitivamente nos Estados Unidos, em grande parte devido à falta de fiscalização pública e privada.

⁹ IRANI et al, 2013, p. 1.

empregador. Assim, os trabalhadores digitais em domicílio – mais da metade dos quais estão baseados nos EUA – não têm acesso ao salário mínimo, a horas extras ou a qualquer proteção de rede de segurança¹⁰. O que é importante, eles também não têm a capacidade de negociar o valor do pagamento e não têm direito protegido de se organizarem para melhores condições de trabalho¹¹. Uma vez que o valor do pagamento para cada tarefa é normalmente de alguns centavos (às vezes menos de um centavo), os trabalhadores digitais em domicílio são obrigados a trabalhar ágil e apressadamente em cima de um conjunto de tarefas por salários extraordinariamente baixos e imprevisíveis.

O trabalho desses precários trabalhadores de processamento de dados é essencial para os monopólios de infraestrutura que produzem inteligência artificial (IA). No entanto, grande parte do debate em torno do “futuro do trabalho” e da automação nos Estados Unidos se concentra no suposto desemprego inevitável de trabalhadores por mudanças tecnológicas. Com poucas exceções notáveis, o papel desses precários trabalhadores de dados em domicílio na criação da automação e as más condições sob as quais eles trabalham tem passado sem ser notado¹². O poder, nos imaginários

¹⁰ Apesar da mudança demográfica, um “m turk tracker” online indica que em junho de 2020, em qualquer dia, cerca de 56-81% dos turkers estavam trabalhando nos Estados Unidos; 11-33% estavam na Índia; e 9-21% estavam em outros países. Estes dados foram acessados em <http://demographics.myturk-tracker.com/#/countries/all> em 3 de julho de 2020 (DIFALLAH et al. 2018).

¹¹ Nos Estados Unidos, o direito protegido de organização dos trabalhadores para melhores condições de trabalho é reservado aos empregados. Trabalhadores autônomos que tentam se organizar podem ser responsabilizados por violações das leis antitruste. Turkopticon é uma plataforma de terceiros criada por Lilly Irani e M. Six Silberman que facilita a organização não-tradicional sem implicar em leis antitruste. Por meio do Turkopticon, em vez de negociar diretamente com solicitantes e AMT para aumentar e padronizar o preço das tarefas, os turkers podem recomendar trabalhos melhores uns para os outros e alertar outros trabalhadores sobre maus solicitantes que se recusam a pagar (LILLY et al. 2013). A Dynamo, outra plataforma de terceiros, também foi criada para ajudar os trabalhadores a facilitar e organizar campanhas de redação de cartas para melhorar seu ambiente de trabalho. A Amazon dificultou a inscrição de turkers na Dynamo (SALEHI et al, 2015).

¹² Na academia, o trabalho de Lilly Irani é a exceção mais notória. A professora Irani tem escrito extensivamente sobre “turking” como um processo de trabalho que “transforma as pessoas em ‘computação humana’” (IRANI, 2015, p. 227). Ela argumenta que através de plataformas como a AMT, os industriais de tecnologia “geraram uma indústria de startups afirmando serem o futuro dos dados”. Mas, ela observa: “Esconder a mão-de-obra é a chave para a valorização dessas startups...”. Ao invés de se anunciarem como “empresas de trabalho”, explica Irani, eles escondem o trabalho “tornando-o controlável através de código computacional” e se chamam “empresas de tecnologia” (Idem, p. 231). Mary L. Gray e Siddarth Suri também escreveram sobre os sistemas de inteligência artificial do trabalho humano, chamando trabalhadores como aqueles que trabalham na AMT de “trabalhadores fantasmas” (GRAY et al., 2019). O importante livro de Sarah T. Roberts, “Atrás da Tela”, que se concentra na moderação do conteúdo comercial, também torna visíveis os processos de trabalho criados pelos “sites de microlaboradores”. (ROBERTS, 2019).

de um futuro tenebroso de desemprego de trabalhadores, é visto como concentrado inteiramente nas mãos de empreendedores e engenheiros cujos algoritmos e máquinas aspiram a imitar tarefas ou serviços tradicionalmente completados por humanos¹³. Mas é central para a infraestrutura da IA o trabalho de trabalhadores dispersos e atomizados em cadeias de suprimentos globais que criam, reúnem, apanham, limpam, etiquetam, e processam os dados que informam e moldam os sistemas de IA. Por meio de uma combinação de trabalho em domicílio e remuneração por peça, o trabalho destes trabalhadores de dados é essencial para o ritmo e o crescimento da IA. Eles – e outros trabalhadores negligenciados – são (e continuarão a ser) indispensáveis para a produção de automação por décadas à frente. Enquanto isso, o trabalho em domicílio como prática trabalhista torna os trabalhadores de processamento de dados e suas condições de trabalho quase invisíveis¹⁴.

O desenvolvimento da tecnologia de veículos autônomos (VA) é um exemplo instrutivo dessa invisibilidade e da falta de regulamentação sobre essa mão-de-obra. Para os industriais de tecnologia, o desenvolvimento da tecnologia VA é uma tentativa de criar frotas de veículos particulares para o transporte de mercadorias e pessoas que geram lucro sem os custos gerais de mão-de-obra – isto é, sem trabalhadores humanos. Apesar das projeções bizarras de que, até 2019, os veículos autônomos substituiriam os motoristas de transporte de pessoas e de caminhões, os engenheiros prognosticam agora que veículos totalmente autônomos estarão indisponíveis em meio século, caso isso aconteça¹⁵. Enquanto isso, quaisquer avanços da AV dependem de uma longa e complicada cadeia de fornecimento de trabalhadores de dados dispersos, muitos dos quais completam tarefas individuais, mas não têm ideia no que estão trabalhando¹⁶. Estes incluem os motoristas da Uber que produzem e coletam dados

¹³ Astra Taylor chama este processo de “fauxtomação”. Taylor argumenta que “a automação exagera exponencialmente a dinâmica da mudança do local de trabalho”. Ela descreve como a automação não retira ou remove o trabalho; em vez disso, ela muda a pessoa que faz o trabalho e garante que o máximo possível de trabalho não seja compensado ou seja subcompensado. (TAYLOR, 2018).

¹⁴ Lilly Irani escreve: “Ao esconder o trabalho e torná-lo controlável através de código computacional, plataformas de computação humana como a AMT geraram uma indústria alegando que o futuro do trabalho reside nos poderes de programação dos mestres engenheiros e algoritmos e robôs que eles produzem”. (IRANI 2019, p. 3).

¹⁵ Em 2020, por exemplo, o CEO da Volkswagen, admitiu que veículos totalmente autônomos poderiam “nunca acontecer” (CHIN, 2020).

¹⁶ FUSSELL, 2019

Em quase todos os estágios das longas e complicadas cadeias de produção de dados que constroem infraestruturas básicas de IA, os trabalhadores em domicílio trabalham fora dos limites das proteções de emprego, executando tarefas demoradas que são – e continuarão a ser – fundamentais para o sucesso da própria tecnologia de automação.

sobre seu trabalho, e sobre as cidades, velocidade e padrões de tráfego; os trabalhadores temporários e terceirizados que dirigem veículos equipados com sensores LiDAR (Light Detection and Ranging) para adquirir imagens em forma de dados de ambientes de circulação automotiva¹⁷; os trabalhadores nos EUA e em todo o mundo que rotulam, organizam e gerenciam esses dados para alimentar os sistemas de IA e VA; e os milhões de trabalhadores temporários fornecidos por agências e contratados por empresas de tecnologia para trabalhar como engenheiros de baixo nível. Em quase todos os estágios das longas e complicadas cadeias de produção de dados que constroem infraestruturas básicas de IA, os trabalhadores em domicílio trabalham fora dos limites das proteções de emprego, executando tarefas demoradas que são – e continuarão a ser – fundamentais para o sucesso da própria tecnologia de automação. Embora essenciais, esses trabalhadores permanecem invisíveis, inclusive para aqueles encarregados da aplicação das leis trabalhistas.

Com esta invisibilidade em mente, este ensaio desvia o olhar das ansiedades sobre o “futuro do trabalho” e da automação, mirando para o passado e o presente destes trabalhadores de dados cujo trabalho, que não pode ser automatizado, torna possível a automação e a IA. Da perspectiva dos capitalistas da tecnologia, a prática de pagar as pessoas por peça que trabalham em suas casas e ostensivamente em seus próprios horários é uma inovação: um novo tipo de arranjo de trabalho para diminuir as despesas gerais e introduzir velocidade e flexibilidade à produção. Como a AMT propagandeia para solicitantes (incluindo empresas de tecnologia e pesquisadores), é uma “boa maneira de dividir um projeto manual e demorado em tarefas menores e mais gerenciáveis a serem completadas por trabalhadores distribuídos através da Internet”¹⁸. Os capitalistas da tecnologia nos EUA que utilizam trabalhadores em domicílio por meio da contratação de empresas como a AMT não são onerados com os riscos e despesas associados a ser um empregador. Os solicitantes podem “contratar” trabalhadores com o clique de um botão e dispensá-los com a mesma rapidez.

¹⁷ Em um único dia útil, um desses veículos produz tantos dados quanto o Telescópio Espacial Hubble produz em um ano. Todos estes dados precisam ser classificados e etiquetados (ACCENTURE, 2018, p. 3).

¹⁸ AMT, 2020a.

Ao contrário das dispensas de empregados, esses despedimentos não são comunicados às autoridades governamentais¹⁹ nem geram responsabilidades legais. Na ausência de um supervisor, a forma como os trabalhadores são pagos, por peça e sem um salário mínimo, liga a remuneração diretamente à velocidade de produção. Mas o pagamento por tarefa é tão baixo que um estudo de 2018 descobriu que o salário médio por hora de um trabalhador em domicílio com dados AMT era de espantosos US\$ 2 por hora^{20,21}.

Em comparação com uma era anterior de trabalho em domicílio e apesar do pagamento espantosamente baixo, este trabalho digital em casa tem recebido pouca ou nenhuma atenção dos reguladores. A crescente economia informal de dados tem sido amplamente compreendida, mesmo pelos críticos, como um novo tipo de trabalho, e não como um processo de trabalho ressuscitado (e reprecariado) merecedor de reforma²². Na Parte I, situo historicamente o trabalho digital em domicílio contemporâneo, retornando aos esforços de reforma e debates em torno do trabalho em domicílio dos EUA no início do século XX. Baseando-me na bibliografia das historiadoras feministas Eileen Boris e Cynthia Daniels, mostro como estes esforços anteriores se concentraram não apenas nas precariedades do próprio trabalho, mas na necessidade de proteger o tempo e o espaço da “família privada” do “trabalho público” e da “devastação do capitalismo industrial”²³. Ao afirmar que o trabalho em domicílio ameaçava a divisão de trabalho entre os sexos e a “a sagrada maternidade”, os reformadores do trabalho em domicílio reificaram o salário familiar fordista e o ideal cultural do chefe de família masculino. Isto não só reforçou a dependência econômica das mulheres em relação ao salário do homem arrimo de família fordista, como também ocultou as formas como o trabalho não remunerado das mulheres no lar sustentava a indústria. Mas na economia contemporânea pós-fordista, as fronteiras temporais e espaciais

¹⁹ De acordo com a WARN Act, as empresas nos Estados Unidos com 100 ou mais empregados devem fornecer aos empregados e funcionários do estado 60 dias de notificação antecipada antes de dispensas em massa ou do fechamento de fábricas.

²⁰ HARA et al., 2018

²¹ O salário mínimo federal nos Estados Unidos tem sido de US\$ 7,25 desde 2009.

²² Por exemplo, Alana Semuels, em uma exposição amplamente difundida sobre as precariedades do turking, descreve-o como um “*novo* tipo de inferno mal pago” (grifo da autora) (SEMUELS, 2018).

²³ DANIELS, 1989, p. 21

entre o trabalho de gênero na família são menos demarcadas²⁴, as famílias são economicamente diversificadas²⁵, e o lar é um local aceito para a produção. O trabalho digital em domicílio não representa mais uma ameaça à ordem econômica predominante; ao contrário, ele o fortalece. O trabalho em domicílio por meio da AMT, por exemplo, é (mal)entendido como uma oportunidade para aumentar a autonomia econômica da família privada. Para pais solteiros, pessoas com deficiência e outros que não podem trabalhar como parte da força de trabalho em tempo integral e programado – e para aqueles cuja renda regular é por si só insuficiente – este trabalho de dados em domicílio promete proporcionar flexibilidade e potencial de ganho ilimitado.

Como essas reivindicações se manifestam na vida dos trabalhadores, e o que devem significar as experiências dos trabalhadores à base de dados para o futuro do trabalho e da regulamentação do trabalho? Na Parte II, eu utilizo as narrativas dos trabalhadores digitais em domicílio para explorar sua relação com o tempo na vida profissional e não profissional. Embora o pagamento por peça supostamente libere os trabalhadores em domicílio da disciplina industrial rígida do relógio, de tal forma que os trabalhadores de dados estão trabalhando “em seu tempo ‘próprio’”, eu descubro que os trabalhadores continuam a pensar sobre o trabalho de dados por peça por meio da estrutura do salário por hora. Eles lamentam que muito de seu tempo de trabalho gasto em concorrer e revisar tarefas não seja contabilizado e não seja remunerado. Pela estrutura do pagamento por peça digital, surge uma política na qual o tempo, visível e contabilizado no trabalho assalariado, torna-se um nó invisível de poder²⁶. Longe de oferecer verdadeira flexibilidade, este poder circunscreve a autonomia temporal dos trabalhadores digitais em domicílio e reforça o compromisso ideológico e a necessidade econômica de trabalhar o tempo todo, inclusive preenchendo o tempo “livre” com produtividade industrial²⁷. Neste sentido, o trabalho digital em domicílio, por pior que seja o salário, reforça a mítica possibilidade de autossuficiência e se coloca em oposição

²⁴ COOPER, 2017, p. 8

²⁵ O'BRIEN 2019, p. 363

²⁶ SHARMA, 2014, p. 8

²⁷ Realmente, a intrusão de aparelhos de rede e trabalho em todos os aspectos da vida rotineira foi o passo inicial que permitiu o trabalho digital em domicílio como o “turking”.

conceitual ao Estado Social²⁸. Concluo considerando as implicações da regulamentação salarial horária deste trabalho como uma força contrária à vida precária destes trabalhadores à peça digital, às normas neoliberais predominantes em torno do trabalho e do tempo, e ao ritmo frenético da produção de IA e automação de forma mais ampla.

I. TEMPO E PAGAMENTO POR PEÇA: DO TRABALHO EM DOMICÍLIO PARA O VESTUÁRIO AO TRABALHO EM DOMICÍLIO DIGITAL

A luta ao longo do tempo tem sido central para o desenvolvimento capitalista através das várias fases do industrialismo e fundamental para a nova mudança de sentido de tempo relacionada à disciplina trabalhista. O historiador E. P. Thompson comparou os “ritmos irregulares de trabalho” da vida pré-capitalista com o tempo-liberdade do industrialismo, marcando uma profunda mudança na forma como os trabalhadores pensavam e vivenciavam o tempo. A vida fabril, argumentou Thompson, trouxe consigo a paisagem agora familiar da disciplina do tempo mediante as folhas de ponto, os guardas do tempo, os informantes e a máquina²⁹. Trabalhando em conjunto com a crescente moralização da “ética do trabalho”, a disciplina industrial do tempo³⁰ moldou a forma como muitos trabalhadores pensavam sobre a relação entre tempo e a produtividade de forma mais ampla, marcando como imoral a “passagem sem sentido” do relógio³¹. No entanto, apesar das formas pelas quais as subjetividades dos trabalhadores eram influenciadas e constituídas pela disciplina industrial do tempo, as longas horas de trabalho também foram enfrentadas com resistência individual e organizada. Durante muitas décadas, trabalhadores, sindicatos e reformadores sociais se envolveram em lutas prolongadas para reverter a disciplina do relógio de fábrica, ganhando salários mais

²⁸ COOPER, 2017, p. 73

²⁹ THOMPSON, 1967, p. 82

³⁰ Eu uso o termo “disciplina industrial do tempo” para abranger a teoria de gestão científica, mas é muito mais amplo do que apenas sistemas para introduzir velocidade no processo de produção. Além das técnicas de gerenciamento de tempo, esta disciplina de tempo estendida às técnicas de autogestão, constituindo o que os trabalhadores sentem sobre suas identidades e suas vidas.

³¹ Idem, p. 96

altos que correspondiam a dias e semanas de trabalho mais curtos para os trabalhadores industriais³².

Embora a disciplina de tempo endêmica ao trabalho assalariado permaneça sempre relevante no mundo digital pós-industrial, a crescente realidade de muitos trabalhadores na economia atual de trabalho realizado por meio da tecnologia é menos análoga à dos trabalhadores de fábrica e mais semelhante à dos trabalhadores pagos por peça do século anterior³³. A vida desses trabalhadores estadunidenses no final do século XIX e início do século XX existia tanto dentro como fora do domínio temporal da fábrica. Por um lado, as mulheres que faziam esse trabalho em domicílio trabalhavam ao ritmo de suas famílias, incluindo um marido provedor que tinha sua vida estruturada para se adequar ao relógio da fábrica. Por outro lado, seu trabalho remunerado não era cronometrado diretamente pelos relógios de fábrica ou sujeito à disciplina imediata de tempo dos chefes ou das máquinas. Assim como o trabalho dos artesãos independentes, o delas era regrado pelas tarefas e pago por peça. Mas sua relação de subordinação aos capitalistas industriais mudou fundamentalmente sua relação com o tempo de trabalho. Nos termos de E.P. Thompson, esta introdução da hierarquia ao trabalho por peça alterou o tempo de tal forma que ele se tornou “moeda: ...não é passada, mas sim gasta”³⁴. O trabalho em domicílio pago por peça, visto em grande parte como explorador tanto de mulheres quanto de crianças, foi vigorosamente combatido pelos reformadores sociais da época que exigiam e acabaram ganhando a intervenção do Estado³⁵. Mas ao contrário das reformas trabalhistas em outras partes da economia industrial, os esforços bem-sucedidos de reforma não estavam enraizados no ideal de lazer, em horários de trabalho mais baixos, ou em salários mais altos para os trabalhadores em domicílio. Ao contrário, na luta pela abolição do trabalho em domicílio no

³² SCHORR, 1992, p. 7; THOMPSON, 1967, p. 85

³³ Cada vez mais, por exemplo, as empresas de tecnologia utilizam trabalhadores autônomos, trabalhadores temporários (contratados através de agências de pessoal) e terceirizadas (que contratam seus próprios trabalhadores) para aspectos centrais e periféricos do trabalho. Esta prática desloca o risco e as responsabilidades associadas ao emprego para outras entidades, incluindo os próprios trabalhadores. O economista David Weil chama este fenômeno de “fissurar” o local de trabalho.

³⁴ THOMPSON, 1967, p. 61

³⁵ DANIELS, 1989, p. 25-29

início do século XX, os reformadores foram motivados por uma concepção moral socialmente conservadora do pai provedor, da maternidade idealizada e do salário familiar³⁶.

Nesta economia altamente sexista e racializada³⁷, as mulheres ganhavam quase metade do que trabalhadoras na fábrica ganhavam por uma semana inteira de trabalho, e as mulheres da fábrica, é claro, ganhavam ali muito menos do que os homens³⁸. Enquanto os trabalhadores (na maioria homens) de fábrica operavam máquinas, trabalhadoras imigrantes faziam o acabamento do vestuário em casa. De acordo com uma investigação do Senado, “trabalhadoras italianas e seus filhos terminaram 98% de todo o vestuário”³⁹. Durante os sete meses do ano em que foi possível encontrar trabalho, os trabalhadores em domicílio trabalhavam entre 8 e 10 horas por dia costurando peças de vestuário. Este trabalho acontecia entre e após aquele do cuidado, incluindo a preparação das refeições, o cuidado com as crianças e a limpeza do lar. Os industriais reconheceram estas mulheres como uma reserva de mão-de-obra que eles podiam prontamente explorar, tanto porque eram na maioria mulheres imigrantes como porque o salário baixo dos chefes de família imigrantes tornava a renda adicional, por mais insignificante que fosse, uma necessidade. Como escreveu um jornalista em 1912, o trabalho em domicílio “existe porque o fabricante considera econômico espalhar seus processos de acabamento por milhares de cozinhas... Conseguem seu trabalho feito por praticamente nada”⁴⁰. Ironicamente, os fabricantes argumentaram contra o fornecimento de salários mais altos às mulheres que trabalham em casa, confiando no mesmo ideal de um provedor masculino que os reformadores usaram para

³⁶ BORIS, 1994; DANIELS, 1989

³⁷ A história operária traçada por David Roediger explica como os trabalhadores imigrantes italianos foram vistos como “abaixo do branco” na construção da identidade racial no início do século XX (ROEDIGER, 1991). Enquanto os homens judeus e as mulheres judias solteiras predominavam na fábrica, as mulheres italianas casadas predominavam entre os trabalhadores em domicílio do vestuário (DANIELS, 1989, 16). Os fabricantes explicaram que as mulheres italianas tinham “dedos mais delicados” do que as mulheres de outras “raças” (BORIS, 1994). Dizia-se: “Estas noviças...elas não sabem falar inglês e não sabem para onde ir e apenas chegam do velho país e eu as deixo trabalhar duro, como o diabo, por menores salários” (DANIELS, 1989, p. 18).

³⁸ A diferença, para alguns, era de até \$3,60 contra \$6 por semana. Estes \$3,60 por semana representavam o trabalho de muitas pessoas que ajudavam a mulher – inclusive crianças (DANIELS, 1989, p. 16).

³⁹ DANIELS, 1989, p. 15

⁴⁰ DANIELS, 1989, p. 19

abolir a prática. As mulheres, na produção dos industriais, estavam apenas trabalhando por “dinheiro de troco” e não precisavam “ganhar um salário de subsistência”⁴¹.

Historiadoras feministas têm destacado o papel que o espaço de gênero desempenhou nesta conceituação⁴², mas, eu defendo, têm subestimado a política de tempo sexista tanto do trabalho quanto dos debates subseqüentes sobre sua regulamentação. O tempo de uma mulher era altamente ajustado pelo tempo de sua família e suas exigências. Esperava-se que ela se encaixasse o trabalho em domicílio sempre que possível, mas como era “no meio” e não durante as horas de trabalho fixadas, os industriais alegaram que era impossível oferecer a ela um salário por hora. De fato, os representantes da indústria capitalizaram sobre esta realidade, reenquadrando o trabalho em domicílio como “prazer” que poderia ser realizado para tornar produtivo o tempo destinado ao relaxamento e à sociabilidade⁴³. Eles o descreveram como parte da “rotina de lazer da vida da pequena cidade”, onde uma mulher poderia fazer renda suplementar enquanto falava com amigos⁴⁴. Mas os defensores dos trabalhadores durante a Grande Depressão que procuraram abolir a prática pintaram um quadro diferente. Argumentaram que o trabalho industrial em domicílio reduziu o emprego em tempo integral de homens que ganhavam o pão da família na fábrica, oprimiu os salários de todos os trabalhadores da fábrica, e diminuiu os padrões salariais e de saúde. Os sindicatos alegaram que era difícil organizar essas mulheres trabalhadoras isoladas e que a capacidade dos industriais de ocupar seu tempo e mão-de-obra prejudicava os trabalhadores grevistas da fábrica. Estes reformadores sociais também argumentaram que o trabalho em domicílio “mercantilizava” a casa, perturbando o tempo que uma mulher poderia dedicar ao cuidado da família. Como disse a Secretária da Mulher do Departamento do Trabalho, o trabalho em

⁴¹ DANIELS, 1989, p. 17

⁴² BORIS, 1994, p. 2; DANIELS, 1989, p. 13

⁴³ BORIS, 1994, p. 155

⁴⁴ Na verdade, os empregadores frequentemente não tinham ideia de como os trabalhadores em domicílio encaixavam o trabalho em seus compromissos domésticos. Mesmo quando os registros de tempo eram exigidos por lei, os trabalhadores em domicílio usavam livros preenchidos antecipadamente pelos empregadores para que parecesse que eles estavam recebendo exatamente o salário mínimo em uma semana de trabalho de quarenta horas (Ibidem).

domicílio abalou as “exigências *normais* do lar e dos filhos sobre a dona de casa e a mãe”⁴⁵.

Ao compreender a vida temporal das mulheres por meio deste binário (trabalho ou lar), os representantes dos trabalhadores se basearam em ideais de “maternidade sagrada” para questionar os custos sociais do trabalho em domicílio que, segundo eles, forçaram uma mulher a “explorar seus próprios filhos e negligenciar seu lar” para ganhar uma ninharia⁴⁶. Esta conceituação obscurecia a importância econômica do trabalho não remunerado da mulher e subtraía a possibilidade de um lazer “improdutivo”. A ideia de que a abolição do trabalho em domicílio protegeria a vida doméstica dos males da industrialização – incluindo a exploração da mão-de-obra e o trabalho infantil – indicava as realidades existentes do trabalho não remunerado e os “ritmos irregulares de trabalho” do lar para muitas mulheres. De fato, privilegiou e reforçou os modelos tradicionais de distribuição do trabalho remunerado e não remunerado no lar, ignorando como esse modelo “dependia da existência de uma pessoa que se dedicasse totalmente à manutenção [do lar]”⁴⁷. A família, então, era vista como uma alternativa ao trabalho e não como um local de trabalho não remunerado e de gênero, igualmente merecedor de reforma, revisão e reimaginação. No final da década de 1930, estes argumentos contra o trabalho industrial em domicílio acabaram sendo bem-sucedidos na abolição da prática pela lei⁴⁸, mas no processo, eles reificaram a família nuclear, os papéis tradicionais de gênero, e a invisibilidade do trabalho de cuidado da mulher como trabalho.

⁴⁵ BORIS, 1985, p. 745 (grifo da autora). Uma tentativa fracassada de regular o trabalho em domicílio por meio da Lei de Recuperação Industrial Nacional em 1933 reforçou a crença de que somente a proibição legal poderia acabar com a natureza exploradora do trabalho em domicílio (BORIS, 1985, p. 747-761).

⁴⁶ Idem, p. 756

⁴⁷ WEEKS, 2011, p. 157-158

⁴⁸ O administrador da divisão Salário e Horas explicou em 1943, “os próprios fatores que fazem o trabalho em domicílio parecer atraente... a ausência da disciplina da fábrica, o fato de que o trabalho pode ser feito no próprio tempo do trabalhador, e de forma casual, e que ela está habilitada a atender ao mesmo tempo às suas responsabilidades domésticas enquanto complementa a renda familiar, impedem qualquer possibilidade de garantia razoável de que... os trabalhadores em domicílio... estão... recebendo de fato o [salário] mínimo” (BORIS, 1994, p. 299). A Lei de Normas Justas de Trabalho Entre trabalhos de casa proibidos em indústrias específicas, prevendo uma redução em larga escala do sistema. 1939 e 1957, pelo menos seis emendas do Congresso tentaram isentar os trabalhadores em domicílio da cobertura da FLSA (Idem, p. 286). Quando, nos anos 1940, alguns fabricantes tentaram fugir desses regulamentos usando modelos de negócios baseados em trabalhadores autônomos, os tribunais impediram esses esforços (Idem, p. 279).

Em vez de se opor à política atual do tempo, na qual as práticas neoliberais se fundem com dispositivos em rede para estimular todos os trabalhadores a estarem “ligados” em todos os momentos, o trabalho digital em domicílio a reforça.

Em comparação com o trabalho em domicílio do século anterior e com outros domínios da economia de trabalho por peça digital realizado presencialmente mediado por plataforma⁴⁹, o trabalho digital em domicílio pago por peça contemporâneo – como HITs completados por *turkers* na AMT – não é decretado como exploração ilegal nem como objeto de reforma. De fato, os defensores e reguladores trabalhistas dos EUA têm mostrado pouco interesse em lidar com as precariedades do trabalho de processamento de dados por peça, aplicando as leis de trabalho existentes no setor. Por quê? A resposta está na invisibilidade do trabalho – tanto física (em casa) quanto conceitualmente (como uma parte oculta da produção de IA) – e em como o trabalho digital em domicílio é conceitualizado em relação à ordem econômica existente. Quase um século depois, no contexto neoliberal pós-fordista, em que as fronteiras temporais e espaciais entre o trabalho de gênero na família são menos demarcadas⁵⁰ e as famílias são diversificadas⁵¹, o trabalho em domicílio não é mais entendido como um problema social. Em vez de ser criticado por mercantilizar o lar, o trabalho digital em domicílio é elogiado como uma inovação tecnológica que permite às pessoas – independentemente de seu gênero – mover-se rapidamente e “flexivelmente” entre as instituições da família e do trabalho para sustentar a vida⁵². Em vez de se opor à política atual do tempo, na qual as práticas neoliberais se fundem com dispositivos em rede para estimular todos os trabalhadores a estarem “ligados” em todos os momentos, o trabalho digital em domicílio a reforça. Ao contrário dos trabalhadores do vestuário no século XX, os trabalhadores digitais não dependem necessariamente de um único provedor. Para muitos, isso é o seu trabalho em tempo integral, ou pelo menos a

⁴⁹ Grande parte do trabalho na economia digital por peça é visível, como o trabalho de serviço presencial – como o transporte de pessoas e a entrega de alimentos – realizado fora de casa. Em jurisdições em todo o mundo, incluindo os Estados Unidos, ações judiciais públicas e privadas foram movidas contra empresas que proliferam este tipo de trabalho por peça, como Foodora, Uber, Instacart, DoorDash, e Ola. Eles foram acusados de qualificar erroneamente seus trabalhadores como trabalhadores autônomos pagos por peça, no lugar de empregados pagos por hora.

⁵⁰ COOPER, 2017, p. 8

⁵¹ O'BRIEN, 2019, p. 363

⁵² Fascinantemente, os homens “turkam” mais do que as mulheres. Apenas um terço ou a metade das pessoas que “turkavam” pelos Estados Unidos durante o mês de junho de 2020 eram mulheres. Estes dados foram consultados no site <http://demographics.myturktracker.com/#/countries/all> no dia 3 de julho de 2020. (“To turk”, traduzido aqui como “turkar”, é a gíria para trabalhar na Amazon Mechanical Turk. Nota do tradutor)

renda da qual eles dependem. Desregulamentado, ele faz o trabalho político de remodelar os ritmos diários dos trabalhadores para reafirmar a função econômica da família privada contra o Estado de Bem-estar em retração. Discursivamente e afetivamente, embora essencialmente não materialmente, o trabalho digital por peça é muitas vezes visto como uma forma de todas as pessoas aspirarem à “autossuficiência econômica”, especialmente quando nenhuma outra forma de apoio econômico ou trabalho remunerado está disponível, possível ou desejável⁵³.

II. TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DIGITAIS: TEMPORALIDADE, POLÍTICA DE TAREFAS E CRISES PERPÉTUAS

Como as reivindicações de flexibilidade e autonomia econômica feitas pelos industriais da tecnologia se comparam às experiências vividas pelos trabalhadores digitais em domicílio pagos por peça? Ao examinar as narrativas dos processadores de dados AMT nesta seção, eu argumento que, embora eles estejam aparentemente trabalhando “por conta própria”, surge uma política na qual o tempo, contabilizado no trabalho assalariado, torna-se um nó invisível de poder⁵⁴. Este poder reforça o compromisso ideológico neoliberal de trabalhar o tempo todo, preenchendo o tempo “livre”, não com lazer, mas com uma produtividade mal remunerada. Pessoas para as quais o trabalho fora de casa é impossível – por causa de cuidados com crianças, deficiência, mobilidade limitada ou falta de oportunidades de trabalho – podem recorrer, não ao Estado ou à comunidade, mas a si mesmas na tentativa de prover o mínimo possível. Os trabalhadores da AMT, por exemplo, descrevem a mudança, frenética, entre tarefas de cuidado e tarefas digitais, ambas mudando de minuto a minuto, de segundo a segundo. Eles trabalham freneticamente para reivindicar lotes mais bem pagos em um sistema competitivo, tipo leilão, que

⁵³ Na sombra dos movimentos de libertação que desafiaram legitimamente o modelo de capitalismo de família nuclear e de provedores masculinos, temos “testemunhado a reinvenção estratégica de uma tradição muito mais antiga e pobre de responsabilidade familiar privada” (COOPER, 2017, p. 21). Como Melinda Cooper detalhou cuidadosamente em seu livro *Family Values*, os neoliberais encontraram uma causa comum com os conservadores sociais sobre a questão da família.

⁵⁴ SHARMA, 2014

requer vigilância constante⁵⁵ e simultaneamente rotular imagens para sistemas de inteligência artificial, apenas para lembrar que é hora de levar seu filho ao médico ou de chegar à loja antes que ela feche. Desmentindo as narrativas de flexibilidade e independência, a autonomia dos trabalhadores digitais em domicílio para se dedicarem ao lazer ou para decidirem voluntariamente como passar o tempo são limitadas.

Embora pagos por tarefa, os trabalhadores digitais em domicílio pensam em seu tempo mediante o salário por hora. Enquanto os fabricantes no século anterior afirmavam que era impossível medir o tempo que os trabalhadores do vestuário em domicílio gastavam trabalhando para pagá-los por hora e não por peça, o tempo de trabalho online pode ser meticulosamente contabilizado. Os trabalhadores digitais em domicílio são até aconselhados a instalar “accessory scripts” (Imagem 1) em seu navegador para “aumentar a eficiência do *turking*”^{56 57}. Os *turkers* usam estes *scripts* para tentar calcular quanto dinheiro ganharão por hora se eles se moverem por lotes de HIT a uma determinada velocidade. Por sua vez, os *scripts* intensificam a ansiedade do trabalho por peça, operando como ferramentas de autogestão e disciplina de tempo – empurrando trabalhadores sem supervisores humanos a manter uma velocidade constante, a fim de aumentar sua renda. Por um lado, estes *scripts* pressionam os trabalhadores em domicílio a trabalharem em um ritmo vertiginoso, completando freneticamente tarefas que são essenciais para a produção de IA. Por outro lado, os *scripts* são a única maneira que estes trabalhadores têm de tentar estimar o quanto (pouco) dinheiro eles ganharão em um determinado dia ou semana.

⁵⁵ A própria forma como a AMT opera, forçando os trabalhadores a competitivamente e constantemente procurar e agarrar um bom trabalho em um sistema semelhante a um leilão, assemelha-se funcionalmente ao modo como o pôquer on-line produz “vício pelo design”, lucrando com um sistema em que o fenômeno do azar é gamificado, em vez de domado. (SCHULL, 2014).

⁵⁶ AMT, 2020b

⁵⁷ “Turking” é como é chamado em linguagem coloquial o ato de trabalhador para a Amazon Mechanical Turk. (Nota do Tradutor)

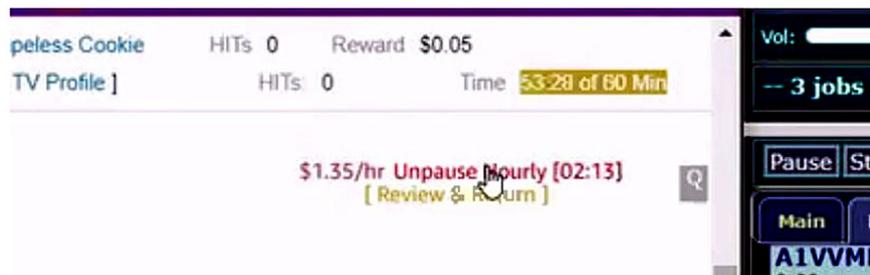


Imagem 1: O mouse aparece em um script que Dawn usa enquanto trabalha em tarefas. Este script diz a ela quanto dinheiro ela receberá por hora, um cálculo que se baseia na quantia que o solicitante oferece por tarefa e na velocidade em que ela está trabalhando.

Ainda assim, os trabalhadores digitais em domicílio estão bem cientes do que estes scripts não contabilizam: em particular, quanto tempo os trabalhadores gastam procurando trabalho ou fazendo tarefas de processamento de dados sem remuneração. Neste sentido, eles reconhecem até que ponto os industriais de tecnologia encontraram maneiras de apostar no pagamento por peça, intensificando a incerteza em suas vidas. Janey, por exemplo, que vive em uma pequena antiga cidade mineira em Appalachia e é trabalhadora digital por peça há quase cinco anos, expressou em uma de nossas conversas o quanto estava profundamente frustrada com a lógica funcional da AMT, o que a impediu de prever e calcular a renda potencial. Ela lamentou que as inseguranças e exigências temporais do trabalho digital em domicílio a incomodavam durante todo o dia e até mesmo durante a noite. Tanto seu tempo consciente como inconsciente foram gastos à procura de trabalho, e esse tempo, ela explicou, não foi remunerado.

Se eu trabalhar 12-16 horas por dia, eu ganharei talvez \$5/hora. Mas é quando há trabalho, mas quando se está parado entre empregos e se tem em conta esse tempo, quando se está apenas procurando trabalho, então o salário por hora cai drasticamente. Somos tantos agora, e menos trabalhos de qualidade. Às vezes acordo no meio da noite só para ver se consigo atender a alguns bons pedidos. A maioria dos HITs desaparece se você não clicar imediatamente.

Janey e suas colegas de trabalho – como as trabalhadoras em domicílio do século anterior – trabalham não apenas horas extensas, mas também tempos imprevisíveis a cada dia – horas que excedem bastante o tradicional turno de 8 horas. Este tempo é gasto não apenas completando tarefas, mas também competindo

por elas. Quando perguntei a Janey como ela decidiu que havia trabalhado o suficiente em um dia, ela respondeu que foi somente quando ela atingiu seus objetivos financeiros que ela se deixou descansar.

Se eu precisar ganhar \$50 para pagar o aluguel, então trabalharei dezesesseis horas seguidas. O que quer que eu precise fazer... Mas depois há aquelas horas em que você não é pago ou seu trabalho é rejeitado... então você não pode prever o tempo ou o dinheiro, realmente. Mas você faz o melhor que pode.

Como Janey eloquentemente me explicou, a própria lógica da AMT ofusca a possibilidade de qualquer cálculo salarial significativo. Ela está lutando contra outros *turkers*, pois ela procura constante e ansiosamente trabalho, tempo que em si mesmo não é remunerado. Simultaneamente, a falta de padrões de trabalho e a realidade de que as tarefas completadas podem ser rejeitadas arbitrariamente pelos solicitantes significa que, até que ela seja paga, Janey não pode sequer contar com a renda dos lotes que ela completa.

Se a experiência é tão temporalmente imprevisível e exigente, por que as pessoas como Janey aceitam trabalhar para a AMT? Depois que o marido de Janey e pai de seus 3 filhos morreu de uma overdose de opioides, uma amiga lhe recomendou a AMT como forma de ganhar dinheiro em casa, e, ela me disse, não “só depender de cheques da assistência social”. Ela explicou: “Não havia mais nada por aqui, quero dizer, nada... e mesmo que houvesse, eu não poderia aceitar. Eu tenho essas crianças”. Embora ela tenha conhecido um novo parceiro, Janey continuou a trabalhar como ganha-pão do lar. Ela observou que seu novo namorado era “mais jovem e nunca havia trabalhado”. Hoje em dia, ele trabalha no varejo – o primeiro emprego que teve. Mas, ela diz: “As crianças são minhas. Por isso, eu sou a provedora”. Trabalhadores digitais por peça como Janey suportam o peso de prover com o mínimo de apoio estatal, e também sofrem muitas frustrações sobre quanto tempo passam trabalhando e como são remunerados.

Dawn, outra trabalhadora em domicílio que vive em uma cidade pós-industrial em crise econômica no Cinturão da Ferrugem dos EUA, tem se dedicado ao trabalho digital por peça há quatro anos e

Graças ao poder disciplinar da política do tempo, os trabalhadores de informática interiorizam a “propaganda da economia de tempo”, muitas vezes em detrimento de seu bem-estar.

meio. “Costumávamos ter bons empregos sindicalizados por aqui”, disse-me ela, “mas esses dias já se passaram”. Embora ela tivesse trabalhado anteriormente como organizadora de campanhas políticas, Dawn, assim como Janey, me disse que ela começou a trabalhar por peça digital porque precisava trabalhar em casa e sem um horário pré-determinado: “A partir do final de 2015, eu tive essas doenças que me atingiram durante a noite. Ninguém sabia o que havia de errado comigo; eu ia parar constantemente no Pronto-Socorro. Foi por isso que eu comecei a me virar. Eu precisava da flexibilidade”.

Quando Dawn tentou apontar para os “dias bons” ou ser positiva sobre seu trabalho, ela se viu discutindo como o tempo entre as exigências do trabalho e da família, tempo que podia ser gasto recriando ou em estado de lazer, foi abalado pelas ansiedades temporais endêmicas ao trabalho digital por peça.

Quero dizer, há dias em que você atinge seu objetivo até o meio-dia, e eu posso... cozinhar uma boa refeição, ou o que quer que seja. Mas então você se pergunta se você deve passar esse tempo trabalhando, porque e se você não conseguir alcançar o objetivo no dia seguinte ou na semana seguinte. Não há problema em parar? Eu não sei. E depois há os dias em que estou tão doente que não posso trabalhar. Quando as coisas estavam realmente ruins, eu forçava a barra, tipo meu ritmo cardíaco subia tanto, e eu precisava ir para o pronto socorro. E então eu voltaria algumas horas depois e continuaria trabalhando. Às vezes, eu deitava no chão com os pés para cima e meu laptop na barriga e continuava trabalhando enquanto esperava que meu batimento cardíaco voltasse ao normal.

A urgência de competir e completar tarefas – mesmo em situações de emergência – é, em si mesma, uma forma de política de tempo. Muitos trabalhadores da área digital – como um número crescente de pessoas nos EUA – vivem em um sentimento de crise perpétua, eles devem trabalhar rapidamente, agora mesmo, para fazer aluguel, para pagar as compras, para cuidar de seus filhos. Graças ao poder disciplinar da política do tempo, os trabalhadores de informática interiorizam a “propaganda da economia de tempo”⁵⁸, muitas vezes em detrimento de seu bem-estar. Por exemplo, ao

⁵⁸ THOMPSON, 1967, p. 90

A velocidade exigida pela estrutura de pagamento da peça digital funde-se com as ideologias neoliberais para definir o que significa não apenas sobreviver, mas sentir-se digno. A reviravolta torna possível a passagem distraída entre família e trabalho, colocando a responsabilidade de prever o próprio salário – quase impossível – nos próprios trabalhadores.

articular o trabalho afetivo que algumas das tarefas de dados da AMT exigem dela, Dawn divulgou o quão emocionalmente sobrecarregada ela ficava às vezes por seu trabalho. Ela enquadrou essas emoções não pelo efeito delas sobre sua psique, mas pelo impacto delas sobre seu tempo e, conseqüentemente, sobre sua renda. Como outros trabalhadores digitais em domicílio, a lentidão para pensar, relaxar ou recriar trouxe sentimentos de culpa e remorso.

O trabalho pode ser emocionalmente penoso de verdade. Como este projeto...tenho que rotular as coisas como discurso de ódio. As coisas que você lê são horríveis, e você pensa, as pessoas não podem dizer essas coisas. Ou você vai fazer uma pesquisa que diz “me diga a pior coisa que você já experimentou” – e eu estou tipo, você quer que eu refresque minhas piores lembranças e as compartilhe, para que eu possa alimentar minha família. *E isso te faz sentir tão mal que você perde tempo pensando nas coisas ou olhando para o espaço, e então você não consegue atingir seus objetivos. E então você simplesmente se sente mal pelo resto do dia.* (grifo da autora)

Para os trabalhadores digitais pagos por peça, o tempo é controlado, não por um supervisor responsável ou por leis de salário e de jornada, mas por uma autogestão que produz a obrigação de perceber todo tempo como potencial de produtividade e, portanto, de trabalhar exaustivamente.

A velocidade exigida pela estrutura de pagamento da peça digital funde-se com as ideologias neoliberais para definir o que significa não apenas sobreviver, mas sentir-se digno. A reviravolta torna possível a passagem distraída entre família e trabalho, colocando a responsabilidade de prever o próprio salário – quase impossível – nos próprios trabalhadores. Ao mesmo tempo, engendra uma subjetividade antissocial: uma sensação de que se eles pudessem fazê-lo por conta própria, e se falhassem, bem, isso estaria sobre eles. Dawn mencionou, em mais de uma ocasião, que preferia o turking a confiar nas proteções da rede de segurança do Estado, que ela entendia ser tanto inadequadas quanto arbitrárias,

O outro lado da questão é que, neste momento, se eu fosse declarar incapacidade, que é o que meu médico quer que eu faça, *e eu tenho muito orgulho no momento para fazer isso...* eles [o Estado] negam

todos os casos, e mesmo que eu consiga, durante esses dois anos, você não pode trabalhar, então você tem que se sustentar magicamente por 2 anos. Portanto, mesmo que o trabalho de *turking* seja deprimente, isso me dá a sensação de que estou contribuindo para minha casa, por isso me sinto bem com isso. (grifo da autora)

Por meio da contínua disponibilidade do trabalho de processamento de dados, Janey e Dawn se esforçam para sustentar a si mesmas e suas famílias. E ainda assim, a própria estrutura do trabalho digital em domicílio impede não só a remuneração suficiente, mas também a segurança financeira e a autonomia temporal.

A atenção às experiências vividas e às crises cotidianas de pessoas que trabalham em domicílio, como Janey e Dawn, prejudica a escolha individual, a independência e a flexibilidade que o trabalho digital em domicílio pretende proporcionar. Por meio dos próprios corpos dos trabalhadores digitais por peça, a política do tempo faz o duplo trabalho de alimentar o ritmo do capitalismo digital e de sustentar as subjetividades antissociais. Os trabalhadores por peça, portanto, são vítimas e não agentes das ordens temporais de produção de automação. Na medida em que o trabalho digital em domicílio exerce poder sobre os trabalhadores através e com o tempo, os esforços de reforma, defendendo, devem também se concentrar no tempo, reafirmando a disciplina do relógio sobre os capitalistas da tecnologia por meio da exigência de pagamentos salariais baseados no tempo.

CONCLUSÃO: CONTRA O PAGAMENTO POR PEÇA

O trabalho digital em domicílio é muito mais central e integrante da economia tecnológica atual do que o trabalho em domicílio industrial jamais foi para a indústria do vestuário no século anterior. Escondidos atrás de plataformas de internet e trabalho em suas casas, os atuais trabalhadores por peça de processamento de dados conduzem tarefas demoradas e mal pagas, críticas para a IA e automação. No entanto, em contraste com o trabalho em domicílio do século anterior, sua importante função permanece em grande parte invisível para os reformadores e reguladores, muitos dos quais estão envolvidos em debates políticos dinâmicos sobre o desemprego potencial dos trabalhadores dos EUA devido

Ao invés de proporcionar flexibilidade, a política de tempo embutida na estrutura de dados por peça restringe a autonomia, alimentando tanto a motivação quanto a necessidade financeira dos trabalhadores em domicílio em trabalhar o tempo todo, mesmo em meio a crises.

à automação⁵⁹. Para dar sentido ao desrespeito à aplicação das leis de trabalho existentes na economia de processamento de dados, este ensaio situa historicamente a política do tempo de trabalho por peça na vida precária dos trabalhadores digitais em domicílio contemporâneos.

O trabalho digital em domicílio pago por peça é divulgado pelos capitalistas da tecnologia como um caminho inovador para a estabilidade econômica para as pessoas que não conseguem sustentar a si e a suas famílias por meio de trabalho assalariado fora de casa ou apenas por meio de um trabalho em tempo integral. Na realidade, este trabalho se baseia e intensifica uma prática de trabalho abolido utilizada pelos industriais no século anterior para lucrar com o desespero das mulheres imigrantes e suas famílias. Como os fabricantes de vestuário antes deles, empresas como a Amazon Mechanical Turk argumentam que o trabalho por peça digital proporciona “uma oportunidade” para que os trabalhadores se movimentem rápida e flexivelmente entre as instituições de família e trabalho a fornecer. Mas as experiências de vida dos trabalhadores em domicílio contemporâneos desmentiram esta afirmação. Ao invés de proporcionar flexibilidade, a política de tempo embutida na estrutura de dados por peça restringe a autonomia, alimentando tanto a motivação quanto a necessidade financeira dos trabalhadores em domicílio em trabalhar o tempo todo, mesmo em meio a crises. Isto reforça a ordem econômica neoliberal existente, na qual o trabalho produtivo e remunerado não é visto como uma infração à vida sem trabalho, mas sim aceito como a subsunção da vida como trabalho.

Termino este ensaio sugerindo que ao invés de abolir este trabalho em domicílio, como fizeram os reformadores na indústria do vestuário, o trabalho por peça digital pode e deve ser formalizado e regulamentado para reconhecer todo o tempo de trabalho. A aplicação das leis salariais e horárias existentes sobre os

⁵⁹ Por exemplo, em 2020, o Governador da Califórnia, Gavin Newsom, criou uma Comissão do Futuro do Trabalho com o objetivo, entre outras coisas, de analisar “a automação e as transições resultantes para os trabalhadores”. (CALIFORNIA FUTURE OF WORK COMMISSION, 2020). Apontando para a hipocrisia destas discussões, Kevin Roose relata que executivos de empresas em todo o mundo publicamente, “dizem se preocupar em relação às consequências negativas que a inteligência artificial e a automação poderiam ter para os trabalhadores”, e privadamente, “gastam...bilhões de dólares para transformar seus negócios em operações enxutas, digitalizadas e altamente automatizadas” (ROOSE, 2019).

Neste sentido, a erradicação da remuneração por peça no capitalismo digital pode estar ligada à maior luta para transformar as políticas temporais em torno do trabalho produtivo remunerado, permitindo aos trabalhadores – de todos os sexos – imaginar uma nova vida e formular novas demandas, não disciplinadas a partir do binário existente entre trabalho e família.

processos de trabalho dos industriais da tecnologia atual, por exemplo, tem o potencial de introduzir autonomia temporal e previsibilidade financeira nas vidas incertas e ansiosas de pessoas como Dawn e Janey, que, por razões diferentes das trabalhadoras do século anterior, não podem trabalhar fora de casa. Como uma pequena intervenção na política de tempo de trabalho digital por peça – uma política que remonta a padrões mínimos na maioria dos setores de baixos salários – tal regulamentação poderia servir como uma força contrária à crescente aceitação da vida como trabalho na economia de trabalho digital por peça. Também poderia dar aos trabalhadores digitais o tempo necessário para reinventarem suas vidas, para criarem espaços e relacionamentos coletivos em tempo sem trabalho, sem família. Neste sentido, a erradicação da remuneração por peça no capitalismo digital pode estar ligada à maior luta para transformar as políticas temporais em torno do trabalho produtivo remunerado, permitindo aos trabalhadores – de todos os sexos – imaginar uma nova vida e formular novas demandas, não disciplinadas a partir do binário existente entre trabalho e família. Para os reformadores e reguladores preocupados com a perda de empregos para a automação, o salário por hora também pode ser entendido como uma força de atrito, retardando as rodas do capitalismo digital, criando tempo para pensar – e até mesmo controlar – o futuro do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ACCENTURE. *Autonomous Vehicles: The Race is On*. 2018. Disponível em: https://www.accenture.com/_acnmedia/pdf-73/accenture-autonomous-vehicles-the-race-is-on.pdf. Acesso em: 4 jul. 2020.
- ALKHATIB, Ali; BERNSTEIN, Michael; LEVI, Margaret. Examining crowd work and gig work through the historical lens of piecework. In: *PROCEEDINGS OF THE 2017 CHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS*, 2017. Denver: 2017. p. 4599-4616.
- AMT. *Amazon Mechanical Turk*. Disponível em: <https://www.mturk.com/>. Acesso em: 4 jul. 2020a.
- AMT. *MTurk Guide*. Disponível em: <https://www.mturkguide.com/scripts.html>. Acesso em 4 jul. 2020b.
- BORIS, Eileen. *Home to work: Motherhood and the politics of industrial homework in the United States*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- BORIS, Eileen. Regulating Industrial Homework: the triumph of “sacred motherhood”. *The Journal Of American History*, Bloomington, v. 71, n. 4, p. 745-763, 1985.
- CALIFORNIA FUTURE OF WORK COMMISSION. *California Future of Work Commission Homepage*. Disponível em: <https://futureofwork.ca.gov/>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- CHIN, Chris. *Key Volkswagen Exec Admits Full Self-driving Cars ‘May Never Happen’*. 2020. Disponível em: <https://www.thedrive.com/tech/31816/key-volkswagen-exec-admits-level5-autonomous-cars-may-never-happen/>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- COLLIER, Ruth Berins; DUBAL, Veena; CARTER, Christopher. Disruptive Regulations: the politics of uber in the us. *Perspectives On Politics*, Cambridge, v. 16, n. 4, p. 919-937, 2018.
- COOPER, Melinda. *Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism*. Cambridge: MIT Press, 2017.
- DANIELS, Cynthia. Between Home and Factory: Homeworkers and the State. In: BORIS, Eileen; DANIELS, Cynthia (ed.). *Homework: Historical and contemporary perspectives on paid labor at home*. Urbana: University Of Illinois Press, 1989. p. 13-32.
- DIFALLAH, Djellel; FILATOVA, Elena; IPEIROTIS, Panos. Demographics and Dynamics of Mechanical Turk Workers. In: ACM INTERNATIONAL CONFERENCE ON WEB SEARCH AND DATA MINING, 11, 2018, Marina del Rey. *Proceedings of the Eleventh ACM International Conference on Web Search and Data Mining*.

Nova Iorque: Association For Computing Machinery, 2018. p. 135-143.

DUBAL, Veena. Wage Slave or Entrepreneur? Contesting the Dualism of Legal Worker Identities. *California Law Review*, v. 105, n. 65, p. 101-159, 2017.

FREEMAN, Carla. *Entrepreneurial selves: Neoliberal respectability and the making of a Caribbean middle class*. Durham: Duke University Press, 2015.

GRAY, Mary et al. The crowd is a collaborative network. In: ACM CONFERENCE ON COMPUTER-SUPPORTED COOPERATIVE WORK & SOCIAL COMPUTING, 19., 2016, San Francisco. *Proceedings of the 19th ACM Conference on Computer-supported Cooperative Work & Social Computing*. Nova Iorque: Association For Computing Machinery, 2016. p. 134-147.

HARA, Kotaro et al. A Data-Driven Analysis of Workers' Earnings on Amazon Mechanical Turk. In: CHI '18: CHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, 2018, New Iorque. *Proceedings of the 2018 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. Nova Iorque: Association For Computing Machinery, 2018. p. 1-14.

IRANI, Lilly. Difference and dependence among digital workers: The case of Amazon Mechanical Turk. *South Atlantic Quarterly*, v. 114, n. 1, 2015, p. 225-234.

IRANI, Lilly. *Hype, Profit, Labor, and Agency in the Shadows of the Fourth Industrial Revolution*. Apresentada ao Workshop: What's at Stake in the 4th Industrial Revolution?. Disponível em: <https://medium.com/whats-at-stake-in-a-fourth-industrial-revolution/hype-profit-labor-and-agency-in-the-shadows-of-the-fourth-industrial-revolution-509afd51a82c/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

IRANI, Lilly; SILBERMAN, M. Six. Turkopticon: interrupting worker invisibility in amazon mechanical turk. In: CHI '13: CHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, 2013, Nova Iorque. *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. Nova Iorque: Association For Computing Machinery, 2013. p. 611-620.

O'BRIEN, Michele Esther. To Abolish the Family. 2019. Publicado em EndNotes#5. Disponível em: https://endnotes.org.uk/file_hosting/EN5_To_Abolish_the_Family.pdf. Acesso em: 4 jul. 2020.

ROBERTS, Sarah. *Behind the screen: Content Moderation in the Shadows of Social Media*. Yale University Press, 2019.

ROEDIGER, David. *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class*. Nova Iorque: Verso, 1999.

ROOSE, Kevin. The Hidden Automation Agenda of the Davos Elite. *The New York Times*. Nova Iorque, jan. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/01/25/technology/automation-davos-worldeconomic-forum.html>. Acesso em: 04 jul. 2020.

SALEHI, Niloufar et al. We are Dynamo: Overcoming Stalling and Friction in Collective Action for Crowd Workers. In: 33RD ANNUAL ACM CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, 2015, Seul. *Proceedings of the 33rd Annual ACM Conference on Human Factors in Computing Systems*. Nova Iorque: Association For Computing Machinery, 2015. p. 1621-1630.

SEMUELS, Alana. *The Internet is Enabling a New Kind of Poorly Paid Hell*. 2018. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/business/archive/2018/01/amazon-mechanicalturk/551192/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

SCHOR, Juliet. *The Overworked American: The Unexpected Decline of Leisure*. Nova Iorque: Basic Books, 2008.

SCHÜLL, Natasha Dow. *Addiction by design: Machine gambling in Las Vegas*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

SHARMA, Sarah. *In the meantime: Temporality and cultural politics*. Durham: Duke University Press, 2014.

SINCLAIR, Upton. *The Jungle*. Nova Iorque: Dover Thrift Editions, 2001.

STONE, Katherine. Legal protections for atypical employees: Employment law for workers without workplaces and employees without employers. *Berkeley Journal of Employment and Labor Law*. v. 27, n. 2, 2006, p. 251-286.

TAYLOR, Astra. The Automation Charade. *Logic Magazine: Failure* 5, v. 5, 2018. Disponível em: <https://logicmag.io/failure/the-automation-charade/>. Acesso em 4 jul. 2020.

THOMPSON, Edward. Time, Work-Discipline, and Industrial Capitalism. *Past and Present*, n. 38, 1967, p. 56-97.

WALLIS, George. Chronopolitics: The Impact of Time Perspectives on the Dynamics of Change. *Social Forces*, v. 49, n. 1, 1970, p. 102-108.

WEEKS, Kathi. *The Problem with Work: Feminism, Marxism, Antiwork Politics, and Postwork Imaginaries*. Durham: Duke University Press, 2011.

WEIL, David. *The Fissured Workplace*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

QUALIFICAÇÃO

Veena Dubal é professora de Direito na UC Hastings College of the Law, em São Francisco. Obteve J.D. e Ph.D pela Universidade da Califórnia, em Berkeley. Foi bolsista de pós-doutorado e mestra pela Universidade Stanford.